

A nova Lei de Imprensa apreciada numa linguagem que não desgosta, nem irrita a censura...

A lei de imprensa, que começará a vigorar, é dos documentos oficiais mais curiosos que temos lido. Se aos vulgares cidadãos fosse permitido rir da situação e se os nossos amáveis censores não julgassem que pretendiamos achincalhar os homens que nos governam, recomendar-lhes-íamos a leitura do estranho documento, não para que acatassem a sua doutrina confusa, mas para que se rissem.

Nem os artigos humorísticos do sr. Brun, nem as cabriolas caricatas dos palhaços, nem as piadas chulas das revistas do anoconhem tanto poder de alegria concentrada capaz de fazer rir o cidadão sisudo como a lei da imprensa. Teve razão o arguto legislador em transformar num documento reinado um diploma onde se ataca por todas as formas esta coisa insignificante: a liberdade de pensamento. Nesta triste situação que, ou melhor ou pior, vamos atravessando, é de alegria e de piada que precisamos. Aos que nos dirigem com tanta competência e acerto incumbem, pois, emprestar a alegria do seu espírito à situação presente, que por ser dirigida por espadas não possui alma, alegria nem espírito. Bem haja, portanto, o alegre legislador...

Não julgemos os leitores que nos anima o intuito de rir, de brincar com coisas sérias. Não, não somos nós quem ri—são eles, os reinados, imagine-se que na célebre lei de imprensa, que em breve nos vai reger, se enumera o que é proibido escrever—que é muita coisa. Estamos habituados, de longa data, às proibições de liberdades e não estranhámos.

O que nos admira é nessa mesma

lei, nesse engraçado documento, se enumerar, também, o que é permitido escrever. Revela este original parte da lei em questão uma extraordinária urgência e um estúpido critério jurídico de legislador. Além de uma infinita graça, verifica-se, pela primeira vez, que se legisla para o que é permitido e não para o que não se permite. Por este critério parece-nos que mal não andará o governo em mandar publicar leis onde se dê ao povo liberdade de transitar nas ruas, liberdade de conservar-se parado quando lhe apetece, liberdade de comer, liberdade de dormir.

Mas o mais curioso ainda é que, na nova lei de imprensa, o artigo onde se diz que há liberdade de isto ou aquilo, é negado no capítulo onde se afirma ser proibido aquilo e isto. Assim, no mesmo diploma se dá liberdade de praticar o que é proibido. Não é uma lei—é um paradoxo, uma contradição.

E' por isso e ainda por outros parágrafos e artigos que o documento contém que nós lhe achamos graça, espírito reinado. E como não queremos que nos julguem contra a situação política actual, que tão lindos aspectos oferece, quasi juramos que o legislador, que deve ser um dos técnicos, dos competentes com que quiseram enriquecer a governação pública, pretende, apenas, com as suas piadas legislativas, não regular o exercício da liberdade de imprensa—que é tão melindrosa e importantíssima—mas simplesmente divertir o público que, por esta época de angustia, tão triste e desalentado anda.

Potanto, mais uma vez, bem haja o legislador...

A União dos Interesses Económicos prepara-se para estender as garras aduncas sobre a população!

PORTO, 16.—As comissões parquiais da União dos Interesses Económicos reúnem com a presença de um representante de Lisboa, ou seja o secretário geral das forças do olho vivo.

Certamente não daríamos uma linha sobre esta reunião, se não fosse a sua importância a aconselhar-nos a que fizéssemos o contrário. Na assembleia não se discutiu apenas a questão orgânica do partido, que diz: da Confederação Patronal da União Nacional dos Interesses Económicos. Lá salientou-se também a isenção, o patriotismo, o sacrifício que todos os «unificados» tencionam dispendir para a reconstrução da vida nacional...

Porque eles, os da U. I. E., igualmente estão dispostos a reconstruir o país, depois de quasi dissolverem com as suas ininterruptas campanhas de especulação desenfreada. E juraram solenemente, piscando os olhos uns para os outros, pelo seu passado cheio de virtudes lucrativas, pelo seu futuro, pela sua fortuna. Ainda a sua felicidade desande... para melhor, se não for marchetado de sinceridade o fóro... do seu intimo...

A reunião decorreu animada, a tal ponto, que os levou a afirmar que as sagradas ideias da U. I. E. calou fundo no animo das classes produtoras...

E assim deve ser, de facto. As classes que produzem, devem estar satisfeitas com as ideias feroces de esbulho, de rapina, de encarceramento, de adulteração, postas em prática pelas classes comercialistas e industrialistas com todo o fervor sanguessugante...

E como conhecem, os da U. I. E., a dedicadíssima simpatia que as classes produtoras lhes tributam, dá a declaração perentória, «perante a actual situação», de que há necessidade de se intensificar a acção da U. I. E., no sentido de auxiliar a realização do seu programa que é mais ou menos o do movimento militar de 28 de Maio...

Os leitores, que não são leigos nenhuns, entendem perfeitamente o que aquilo quer significar. A U. I. E., vai agir, procurar infiltrar-se na situação política militar, escamoteando a de molde a que a sua usura, a sua ganância, a sua exploração, a sua rapacidade, tenham um maior desenvolvimento do que até aqui têm tido. E' o avolumamento da riqueza, trapaceira para os filiados da U. I. E., é a progressividade da miséria espectral para o proletariado agriado.

E nestas condições, as castas mercantileiras arregimentadas na U. I. E., transmitem à vulgaridade pública o grau supremo do seu estado adiantado para produzir, em alta escala, as terríveis consequências da escravidão, da fome, das agruras, do desespero de inúmeros lares.

Tornam-se, assim, classes produtoras... da morte a retalho por meio de envenenamento e de surrupiação dos principais elementos de existência humana.

Talvez seja, portanto, nestas classes, que as ideias da U. I. E. calassem bem fundo... O fim patriótico da U. I. E., asseveram ainda mais clinicamente as comissões parquiais daquele antro de salteadores, é a

reconstrução económica e saneamento financeiro e administrativo do país...

Estão vendo, pelos exemplos do passado, pelos exemplos do presente, quais serão os exemplos do futuro: trata-se de uma reconstrução de energias vitais da quadrilha estatal-capitalista tendente a fazer passar o país de uma depressão e totalmente possível o resto do património popular para a posse exclusiva das hostes bandoleiras da famigerada U. I. E...

O povo trabalhador ficará, dest'arte, maravilhosamente saneado, financeira e administrativamente... porque a sua triste sacola e a sua triste algebeira ficarão cheias de ar, mas completamente vazias do que faz falta à vida individual e colectiva das famílias que trabalham e são espelhadas...

No entanto para que os papalvos abram desmesuradamente a boca ao espanto que origina tanta hipocrisia ministrada pelos do «olho vivo», eles vão dizendo, veladamente, que a U. I. E., «dentro da vida económica portuguesa», «não é um inimigo, mas sim um aliado, pois que tende pela intensificação da produção e utilização máxima dos meios de trabalho da comodidade a equilibrar a produção e o consumo, suprimindo a crise de trabalho e contribuindo, portanto, para o desafogo material do operário».

Não se pode ser mais farçante: ultrapassa a verosimilhança com os contos orientais...

A contribuição para o desafogo material do operário consiste nisto simplesmente: em se dar trabalho alguns dias ou a semana por inteiro, se o operário consentir na redução do salário e no ampliameto do horário de trabalho: obrigar o produtor a passar horas intermináveis nas modernas galés capitalistas por metade do salário do que ganhava até aqui. E' este o equilíbrio da produção com o consumo: produzir muito para eles, patrões de todos os quilates, para os produtores verdadeiros minguadissimamente consumirem pão fe água —se ainda isso puder ser...

E' esta, «dentro da vida económica portuguesa», a amizade dos da U. I. E. — a de apunhalo o proletariado pelas costas; é esta a aliança das forças do «olho vivo» — a de auxiliar a pegar ao caixão do empregado e de mais depressa lançar-lhe pásadas de terra — não vá ele reanimar-se e vir pedir contas ao patrão das tratandas que lhe fez...

Como vêem, os fins da reunião foram importantes...

C. V. S.

A defesa da moeda francesa

PARIS, 16.—Caillaux conferenciou esta manhã com os representantes dos grandes estabelecimentos de crédito sobre os exageros cometidos no mercado de câmbios, e lembrou-lhes dura forma imperativa, a obrigação de não autorizarem compras de divisas estrangeiras que não fossem destinadas às necessidades comerciais, devidamente justificadas. Neste sentido será daqui em diante exercida uma rigorosa vigilância.—H.

O DELIRIO DO CRIME A polícia da esquadra do patio de Dom Fradique, para vingar a agressão a um cívico, deixou às portas da morte um cauteleiro

O delírio do crime atingiu a polícia. Raro é o dia em que os jornais não têm que referir-se a mais um crime dessa corporação, por trágica ironia encarregada da manutenção da ordem e da guarda dos haveres dos cidadãos.

Especialmente esta semana os crimes da polícia sucedem-se numa progressão sinistra. Todos eles têm passado pelo nosso ecrã com as cambiantes naturais, pois eles são suficientes para provocarem calafrios. Ontem lá para os lados do Castelo, ao fim da tarde, ocorreu um caso em que foram protagonistas um guarda cívico e um cauteleiro. E imediatamente à nossa redacção correram algumas pessoas a prevenir-nos do sucedido. As informações eram graves e roçavam por vezes pelo exagero. Por esse motivo para o local da ocorrência seguiu um nosso redactor que em rápidas pinceladas vai narrar aos leitores o que de verdadeiro se passou.

O Castelo é um dos bairros bastantes populosos de Lisboa. Ali, numa grande promiscuidade, se acotovelam centenas e centenas de famílias em prédios que há muito tempo carecem de demolição.

Pois ali nesse bairro a polícia nos últimos dias tem feito das suas. Um pouco de história para explicar os seus porquês. Há alguns meses um garoto jogava, numa das artérias daquele bairro, ao futebol. O polícia que andava de giro perseguia o garoto, alcançando-o dentro da casa de um seu tio. Este, considerando insolito o procedimento do guarda, advertiu-o. Pois foi o bastante para o cívico como um possessivo lançar-se ao tio do garoto com mais fúria que um gato esfomeado ao bofe.

A atitude deste exemplar polícia mereceu os mais acres e justos comentários da população do bairro, comentários que conseguiram penetrar na esquadra do patio de D. Fradique, onde pertence a polícia que faz serviço no Castelo.

Uma das ultimas façanhas da polícia consumou-se há pouco mais de oito dias. Narrem-lo também:

Três polícias da esquadra do patio de D. Fradique, uma noite lauriana, quando os moradores daquele bairro descansavam das fadigas de um dia de trabalho, investiu de sabre em punho por aquele bairro e varreu tudo à sabrada.

Estes factos deram motivo à criação do estado de espírito em que fomos encontrar os moradores daquele bairro.

O caso de agora tem correlação com o que acabamos de narrar. E se tal não houvesse, teríamos hoje apenas a registar o acto de um alucinado e não a barbaridade de que na devida altura se falará. Vamos ver porquê.

No patio da Pescaria, na rua de Santa Cruz, ao Castelo, 74, residem entre outras pessoas o cauteleiro Casimiro dos Santos Cardoso e sua mulher Hortense Augusta da Costa.

Ontem à tarde, seriam 18 horas, houve uma pequena alteração entre o Casimiro e a mulher por razões que pouco interessam a reportagem.

O Casimiro, que estava bastante embriagado, a certa altura agrediu a mulher. Esta gritou por socorro, acudindo, entre outras pessoas, o guarda cívico 1328, Manuel António Pires, em serviço na Exploração do Porto de Lisboa, que mora também no mesmo patio.

A intervenção do 1328 irritou ainda mais o Casimiro que alucinado lhe disparou duas balas da sua pistola Destroyer.

Gravemente ferido o 1328 refugiou-se em casa enquanto o Casimiro como um louco articulava alguns monossilabos.

Nisto, o segundo acto deste triste drama tem o seu início: o guarda cívico que andava de serviço atraído pelos tiros entrou no patio da Pescaria, onde ainda se encontrava o Casimiro com a pistola despejada. Sem outra explicação aquele guarda descarregou na cabeça do Casimiro uma violenta coronhada com a pistola de que vinha munido, tão violenta que o cauteleiro rolou sobre o solo. Depois pontapés, socos e novas coronhadas completaram o gesto heróico do guarda captor do Casimiro.

Ainda o desgraçado não se tinha livrado do seu alçó e já de volta dele se encontravam mais cinco polícias fardados e um à paisana que o moeram com pancadas.

De súbito ouviram-se cinco detonações: um dos guardas, quando o Casimiro se encontrava no solo enrolado como um farrapo, desfechou a sua Savage.

Depois arrastado pelos selvagens o Casimiro lá foi conduzido para a esquadra do patio de D. Fradique, onde voltou a repetir-se o barbarismo da polícia. E sabe o leitor porque é que não foi mais longe o banditismo dos civicos? Porque os presos que se encontram na esquadra do patio de D. Fradique—esses presos são os implicados no caso do Banco Angola e Metrópole—protestaram contra a infâmia.

Mais tarde o cívico 1328 e o Casimiro foram conduzidos, num auto-meca da Cruz Vermelha, para o hospital de São José, onde faleceu o primeiro, encontrando-se o

segundo na Sala de Observações, entre a vida e a morte.

O gesto alucinado do Casimiro não pode merecer o aplauso de quem tem uma alta concepção da vida. Só à embriaguez e ao estado de desespero em que se encontrava se deve atribuir o acto que custou a vida ao cívico 1328.

Mas é muito mais revoltante, merece os vivos protestos de todas as pessoas de bem a atitude desses selvagens que se lançaram sobre o Casimiro, quando o acto deste só deveria ser punido pelos tribunais competentes.

Um homem selvaticamente espancado

Anteontem, pelas 23 horas, numa casa de pasto existente na rua D. Pedro V, conhecida pelo «Faz Frio», encontrava-se um grupo de indivíduos comendo, quando entrou no estabelecimento o guarda 391, da 3.ª esquadra, conhecido pelo «Fadistinha de Alfama», ou ainda o «Pala de Bronze», que autou o dono da casa sob o pretexto de que pão e queijo não era comida e, portanto, não podia vender vinho aquela hora.

O dono do estabelecimento disse que ia reclamar da multa. Nesta altura um dos fregueses levantou-se da mesa e dirigiu-se para o balcão, apoiando as palavras do proprietário do referido estabelecimento, pelo que o «Fadistinha de Alfama» lhe deu voz de prisão, dizendo que se intimetria no seu serviço. Um outro freguez chamado Augusto Alves Sequeira, peixeiro, residente no Alto Longo, 54, pediu ao 391 que não mantivesse a prisão pois que o indivíduo era casado e tinha filhos. O «Fadistinha» não só não fez caso do que o Sequeira lhe disse como ainda o feriu bastante numa das mãos com a espingarda. O Sequeira, vendo-se ferido, dirigiu-se imediatamente para o posto da Misericórdia. O guarda continuou altercando com o dono da casa, até que, dando por falta do Sequeira, meteu-se um eléctrico e foi apañá-lo à porta do referido posto. Acto contínuo e sem mais nada vibrou-lhe uma pancada com a espingarda com tão pouca força que lhe fez uma enorme brecha na cabeça.

O 391 já é conhecido naquele posto por façanhas idênticas à que cometeu ontem, pois que costuma agredir os desgraçados que têm a infelicidade de lhe cair nas mãos, sucedendo às vezes os mesmos presos irem curar-se das suas feridas e depois do posto de socorros para aquela.

Ao portão da Misericórdia juntou-se grande número de pessoas que comentavam indignadamente contra o procedimento do polícia agressor, chegando este a apontar a espingarda às pessoas que condenavam a sua proeza. A esta scena assistiram indignadíssimos dois camaradas nossos, que ao verem a atitude do polícia muito apressadamente, para evitar de serem agredidos, tiveram de lhe dizer mais do que uma vez que eram profissionais da imprensa.

Como a multidão que se aglomerou ao portão fosse grande, para evitar que o guarda tivesse o correctivo que merecia foram pedidos cinco guardas para auxiliar a saída do famigerado defensor da ordem, com a sua vítima.

Chocou-nos a maneira como o agredido suplicava do seu alçó, para que lhe não tornasse a bater, assim como também soluçando pedia para antes de ir para a esquadra o deixarem passar por sua casa a fim de sossegar a sua companhia que se encontra, retida na cama, bastante doente.

Prêso, roubado e insultado

Francisco Joaquim de Almeida é um desses operários acossados pela crise de trabalho que encontrou no comércio de cauteles os meios para manter-se e aos seus.

No exercício dessa nova função o Almeida, que também é doente, no dia 15 de março, na rua Aurea, involuntariamente, deu com a tableta das cauteles no vidro da mostra dum estabelecimento daquela artéria, estilhaçando-o.

Viu a polícia e o Almeida foi conduzido para a esquadra da rua do Comércio onde o agrediram com uma garrafa de cerveja. Depois, com uma mentirosa nota de culpa, foi enviado para o Limoeiro, tendo-lhe sido extraído dos bolsos a quantia de 60\$00 e alguns pequenos haveres.

Há oito dias o Almeida foi responder, sendo absolvido. O que não lhe entregaram foi os 60\$00 de que a polícia da esquadra da rua do Comércio abusivamente se apropriou. E não lhe entregaram essa importância porque, entre outras razões, na participação feita por aquela polícia havia uma nota, acusando apenas a importância de 1\$80.

Quando se resolve a polícia a entregar ao Almeida, que mora na Azinhaga do Fidalgo, ao Pote de Agua, os 60\$00 que lhe roubou?

São tão baixos os sentimentos de alguns dos agentes desta corporação que nem um desgraçado como este Almeida escapa ao seu furor. Apre!

Os soviéticos e a guerra civil chinesa

TOKIO, 18.—O jornal «Nishi-Nishi» publicou o texto do falado acordo entre o general chinês Feng e o governo de Moscou. Segundo esse acordo, os «soviets» concederam ao general Feng um subsídio de 600.000 libras, para uma nova revolução na China, em troca da garantia de numerosos privilégios, no caso do general obter a vitória.—[L.]

UMA DELIBERAÇÃO A comissão administrativa do Municipio

A Câmara Municipal tomou ontem, por proposta do comandante Sousa Dias, a que se associaram todos os vereadores, a decisão de ir despedindo os operários à medida que as verbas para as obras forem desaparecendo.

A medida camarária além de ser antipática é significativamente odiosa. Antipática porque condena o trabalhador à miséria, odiosa pelo desprêso que revela perante os sagrados direitos do trabalho e os princípios mais rudimentares de humanidade. Não é justo que as economias se façam desta maneira, nem se concebe que os operários sejam vítimas do espírito perdulário das vereações transactas—visto que disso não lhes cabe a menor culpa.

A Câmara Municipal tem avultadas receitas e se as não tem maiores é devido à sua péssima organização de contribuições. Há muito dinheiro que o municipio tem deixado de receber, por motivos pouco honrosos como sejam o de não ter esses serviços bem organizados e ainda à influência ruinosa das amizades políticas. Mas, a questão ainda nos oferece falta matéria de crítica encarada pelo aspecto administrativo.

E crítica fácil de fazer, pois que muitas despesas camarárias deviam ser, desde há muitos anos suprimidas, merecendo também igual sorte a série ininterrupta dos esbanjamentos até à data impuneemente realizada. Economize-se—mas não se marroquize Lisboa, não se prejudique a cidade, reduzindo ao mesmo tempo a miséria aqueles que receberiam a pecunia com que poderiam adquirir o pão de suas famílias.

A cidade está uma vergonha. Não tem higiene, não tem luz, não tem estética, não tem bons pavimentos—não tem nada... Andar pelas ruas de Lisboa, mal empedradas, cheias de covas, é um martírio e, além disso, a maneira infalível de se adquirir doenças incuráveis. E' frequente ouvirmos queixumes de pessoas contra a circunstância de se sentirem extenuadas, quasi doentes, ao fim duns escassos dez ou quinze minutos pelas ruas. Não é a extensão do caminho percorrido que produziu a fadiga, mas sim o horrível estado dos pavimentos que torna a marcha dolorosa e difícil. Isto significa «A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Os Mistérios do Povo Na Alemanha realizou-se um congresso extraordinário dos sindicatos reformista da Construção Civil

BERLIM.—Reúniu-se ultimamente, nesta capital, um congresso extraordinário da Federação da Construção Civil, organização reformista, onde políticos e funcionários se instalaram para defesa dos seus comezinhos interesses.

O objectivo do congresso era a apreciação das causas que fizeram fracassar as negociações entre o comité federal e os construtores civis e mestres de obras, acerca do estabelecimento do salário mínimo nacional para os operários da indústria. O congresso deveria também estudar a situação financeira da Federação, hoje, em estado caótico, devido aos gastos desorientados dos dirigentes que se anicharam na secretaria e em comissões permanentes.

O congresso, porém, foi preparado de maneira a servir e justificar os interesses dos alcandorados na burocracia sindical. Digamos de passagem, que esta nova burocracia, refinada após a guerra, sem dúvida, por razões psicológicas particulares, e nunca por quaisquer outros motivos, tem vindo a lançar na maior apatia, uma grande parte dos operários da construção civil, cujos interesses são frequentemente descurados pela hodierna classe de políticos e funcionários que, nas organizações sindicais, cuidam somente dos seus interesses e das suas questões, que a mais ninguém preocupam.

O simples relato do congresso dará ao operário, que o quiser atender, uma noção relativa da obra perniciososa dos dirigentes reformistas e dos que supõem que exercer cargos permanentes seja método da luta de classes.

No congresso não foram admitidos jornalistas, a não ser os cronistas do órgão socialista burguês, «Vorwaerts», que se comprometem indignamente a fazer relatos que apresentem os reformistas como os mais declarados inimigos do capital. Contudo, os jornalistas dos periódicos revolucionários e, mesmo, de periódicos radicais ou socialistas, tiveram forma de observar o decurso das sessões.

Havia a presença de 195 delegados, mas a verdade é que, somente, 143 representavam os sindicatos e os outros 52 eram burocratas. Os delegados aprovaram tudo que os burocratas expunham, de modo que o congresso não teve uma nota de interesse, parecendo mais uma assembleia geral de acionistas de qualquer empresa em liquidação.

Apenas, o sindicato de Delitz, pela voz

lica que Lisboa está intrasitável—visto que o lisboeta deve ao mau estado das ruas, o ar derreado que apresenta e ainda as enfermidades de que sofre.

Tudo indicava que a actual comissão administrativa tratasse a valer dos pavimentos, em vez de se entreter a arremessar-nos aos olhos, para nos deslumbrar, com o alcautoamento da Avenida da Liberdade que sendo uma medida útil é insuficiente, porque Lisboa não é apenas a Avenida da Liberdade.

Só este problema—o dos pavimentos—daria para assegurar o trabalho a todos os operários com grande vantagem para a saúde e para a vida dos que habitam a cidade. Mas, esta comissão administrativa entendeu que em vez de mandar os operários cuidar dos pavimentos era preferível despedi-los, mandando-os alimentar a família com a fome ou com o produto degradante das sopas de caridade.

A comissão administrativa é composta de militares—

Existe neste momento uma grande crise de trabalho. Dezenas de milhares de operários vivem no desespero e na angústia por não poderem acudir com uma cêdea de pão negro à miséria das famílias. Despedir operários do municipio que não são culpados da má aplicação das receitas equivale à negação tácita do direito à vida. Talvez não tivessem pensado nisso os que resolveram cortar, os pães dos que vivem há muito em circunstâncias económicas terríveis, com a sua existência vivida a paredes meias com a miséria.

A comissão de melhoramentos do Sindicato do Pessoal do Municipio procurou ontem avisar-se com a comissão administrativa da Câmara, a fim de tratar com ela do anunciado despedimento de operários. Hoje a referida comissão vai realizar a mesma «démarche», visto ontem não ter conseguido ser recebida.



OS MILAGRES DE SANTA ISABEL

Um larápio feito Satanaz, uma montra transformada em máquina infernal e uma procissão desfeita pelo pânico

COIMBRA, 15.—A indignação que em grande parte da população desta cidade provocou a atitude parcialíssima do governador civil não permitindo que a banda excomulgada do Troviscal tomasse parte na parva cívica dos festejos desta cidade, fez prever a toda a gente acontecimentos graves.

No domingo 11, corriam fortes e alarmantes boatos. Dizia-se que elementos anti clerical, numa *révanche* para com as atitudes do bispo-conde e do seu serventurário, governador civil, estavam na disposição de impedir custasse o que custasse, a saída do cortejo religioso.

No véspera saiu a público um suplemento do periódico esquerdista, *Vida Nova*, na qual era violentamente atacada a atitude das autoridades locais, cuja destituição imediata exigia, ao mesmo tempo que aconselhava aos elementos liberais e avançados a calma nesta emergência, pois qualquer gesto impeditivo da saída da procissão, traria inevitavelmente um grande número de vítimas, em vista das dezenas de milhares de forasteiros que se encontravam na cidade.

Fôse ou não por isto, o que é facto é que o cortejo religioso organizou-se sem haver a mais leve nota discordante. Porém, o povo encontrava-se debaixo de uma atmosfera terrorista, olhando-se toda a gente desconfiadamente quando ver surgir a cada momento os enviados de Satanaz...

Para carregar de cores mais negras o ambiente, a autoridade poz em prática excepcionais medidas de prevenção, que em vez de tranquilizarem a assistência, ainda mais a aterrorizavam.

Viam-se as ruas fortemente patrulhadas com guarda republicana, e nas imediações do trajeto da procissão encontravam-se forças de infantaria da guarda, de armas enfileiradas, para o que desse e viesse, não falando na chusma de agentes da *secraria* que interrogavam ansiosamente a pacata fisionomia dos pobres diácos que esperavam a passagem da procissão, a ver se descortinavam algum herede de ruínas incógnitas...

Deu-se o que fatalmente se teria de dar. O povo, debaixo duma enorme sobrecarga produzida pelos boatos alarmantes, aliás confirmados pelas medidas do governador civil, sobressaltava-se ao mais leve rumor. Quando a procissão já se encontrava em marcha, na altura em que o bispo-conde, debaixo do pálio, passava de frente do Arco de Almeida, ouve-se um estampido enorme, seguido de um intenso delagar de vidros.

Fôra o sinal... A mole imensa da multidão, tomada de pânico, fôge espavorida, arrojando-se, deitando tudo abaixo numa ânsia doida de salvamento, arrastando na sua furiosa carreira crianças, mulheres e velhos, que calam e eram impiedosamente pisados.

O movimento de debandada, que teve início junto à Pastelaria Central, na rua Ferreira Borges, foi alastrando, até ao bairro de Santa Clara—mais dum quilómetro de distância—onde teve intensa repercussão.

Ao fundo da Ponte a multidão arremessou-se por uma ribanceira que confina com o rio Mondego.

A confusão é medonha; os mais calmos são também arrastados pela turba.

Mulheres e crianças choravam alfitivamente em altos gritos, por verem afastados dos parentes envolvidos na mole humana.

As forças da guarda, de arma aperrada, correm desordenadamente a enfiar um inimigo invisível, o que aumentou mais ainda o terror da multidão.

A procissão desorganizou-se por completo. Homens que a compunham largavam as tochas e fugiam cheios de medo, levando uns meninos mascarados de *anjos*, outros deixando *anjos* e tudo...

A pena não pode descrever, por mais que se esforce, todo o patético da scena, daquela imensa multidão de *crentes* em fuga, sem o fervor profundo e sincero da fé, que dá ânimo a todas as empresas...

E... afinal, para quê tanto pânico, tanto susto? Que tinha sucedido? Apenas isto: um amigo do alheio surpreendido no campo de manobras foi agarrado, opondo séria resistência. A multidão comprimiu-se, reciosas, partiu-se o cristal duma montra com enorme estampido, e aí temos essa gente toda a fugir precipitadamente, julgando ser perseguida por uma legião de enlucrados hereses...

Resultado imediato e positivo: grande número de ferimentos, uma mulher com uma perna partida, um homem com um braço deslocado, *anjos* com as asas partidas, inúmeros objectos perdidos, algumas pessoas sem carteira e... um formidável susto do sr. bispo-conde, que, pelos modos, tinha feito de véspera o seu testamento, disposto a arrostar heroicamente com as iras dos heréticos, incorporando-se na procissão, não sem ter tido o cuidado de se rodear de beaguinhos para lhe guardarem a integridade do sacrosantíssimo costado.

E a procissão, que só muito tarde e dificilmente se reorganizou, lá seguiu entre os lamentos de autorizados católicos, todos pesados com o sucedido, não deixando, contudo, de proclamarem mais um autêntico milagre da Rainha Santa, pois, segundo sua opinião, não obstante os laivos de tragédia que houve em volta da procissão, poderia ser muito pior, isto é, em vez de algumas pernas e cabeças partidas sem transtorno de maior, podia haver, talvez, decapadas, membros trucidados, etc., etc., o que prova que a Santa Isabel continua a ser a padroeira de Coimbra...

Que o digam os mesários da irmandade da Rainha Santa, que arrecadaram, segundo os periódicos, para cima de trinta contos, piedade de promessas que o povo ignora e crêdu-lo foi ali deixar...

No procissão tomaram parte também operários, alguns até que se têm afirmado anti-religiosos.

Este gesto apenas revela a sua tacaña mentalidade e a pouca convicção nos princípios que dizem perfiar.

Os últimos acontecimentos

O Partido Republicano Radical mantém a sua atitude oposicionista

Do Partido Republicano Radical recebemos a seguinte nota que passamos a publicar:

«Considerando que o pronunciamento que se seguiu à revolução de 28-29 de Maio logo a aprisionou, e completamente a veio a liquidar pelo último golpe militar, deporando o seu chefe, considerando que, embora do actual ministério façam parte alguns cidadãos merecedores do melhor conceito público, nele se encontram elementos nefastos que hão de dissociá-lo, inutilizando toda a acção benéfica que intente; resolve manter para com o actual governo a mesma atitude que, em nota de 3 do corrente, tomou para com o governo Gomes da Costa, combatendo a influência militarista que, dia a dia, mais acentua o seu domínio.

Resolve também o Directório dissolver as comissões políticas das freguesias de São Sebastião da Pedreira, Socorro e Madalena, de Lisboa, e as comissões políticas de Coimbra, irradiando todos os membros em efectividade dessas comissões, bem como os da direcção do Centro 19 de Outubro. E declara que não estão nem estiveram nunca filiados no partido os grupos «Os Libertadores» e «Juventudes Radicais» de Braga.

Os vencimentos do presidente do Ministério

Da secretaria da Guerra enviaram-nos a seguinte nota:

«Em virtude da proposta do general sr. Carmona, o conselho de ministros resolveu anular o decreto que concede ao presidente do ministério os vencimentos de presidente da República.»

Um longo abalo sísmico

VITORIA, 16.—Registou-se ontem à tarde um forte abalo de terra, que começou às 2,35 da tarde durante mais duma hora, a uma distância avaliada em 1.100 milhas, provavelmente na região de Alaska.—H.

Grande excursão fluvial

A comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa realiza no dia 15 de agosto um passeio fluvial pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, havendo um desembarque na Trafaria, onde se realizará um «pic-nic» no pinhal, depois do que se prosseguirá o passeio até ao Seixal regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gasolina da Cooperativa dos Caçadores, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço, pelas 8 horas, devendo regressar-se às 20 no mesmo local.

Acompanha a excursão um excelente grupo musical, estando a comissão organizadora elaborando um interessante programa de diversões populares que muito hão-de agradar aos excursionistas.

Os bilhetes estão à venda na administração de *A Batalha*, na residência do contínuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

59 bancos falidos

NEW YORK, 16.—Cinquenta e nove bancos americanos encerraram as suas portas, em consequência dos pesados prejuízos sofridos em especulações agrícolas na Flórida.—(L).

AGREMIACÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade os 21 Manufactores de Calçado.—Reúne hoje pelas 21 horas, para apreciar o relatório de contas, e resolver sobre o seu estado financeiro.

IMPRENSA De Teatro

A revista *De Teatro* ocupa hoje um dos primeiros lugares nas publicações de especialidade. Com uma feição moderna, dotada de um admirável aspecto gráfico e ilustrada por uma seleta colaboração, revista *De Teatro* marca hoje um acontecimento a que é justo tecer encoimios.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o N.º 44 dessa interessante revista. O seu aspecto gráfico é qualquer coisa de notável. A sua colaboração, do mais fino que há no género de teatro, não desmancha o rico e brilhante conjunto.

De Teatro da-nos neste número uma agradável surpresa na sua *Separata*: uma peça em Esperanto intitulada *En tu tempo*, de autoria do conhecido esperantista Saldanha Carreira.

Por todos esses motivos *De Teatro* recomenda-se às pessoas para quem uma boa publicação vale por uma reliquia.

TEATRO AVENIDA
Telef. II. 4356
A SENSACIONAL PEÇA
O Dr. da Mula Ruça
12 números de música 12
Orquestra Jazz-Band

Santo Inácio de Loyola com Lenine, de quem se diz um fervoroso adepto.

Este tartufo, tem andado por cá e encher de lama a organização operária e seus militantes.

Ignorará o *Socorro Vermelho* a força deste sabujo, católico confesso e neo-comunista moscovitário?

Já depois de traçadas estas linhas, somos informados que o governo acabou de demitir o governador civil, constando-se que esta demissão foi motivada pela atitude daquela autoridade para com a banda do Troviscal.—C.

NAS OFICINAS DA COMPANHIA PORTUGUESA

Recrudescem as violências—Despedimentos—Uma policia especial e os segredos da Companhia...

Todos os sabem, mas não é demais recordá-lo: a incompatibilidade estabelecida entre a Companhia Portuguesa e o seu pessoal data de há bastantes anos e tem como origem as lutas sustentadas entre as duas partes pela recusa sistemática da primeira em atender as justas e lógicas aspirações dos ferroviários, os principais sustentáculos dessa poderosa empresa.

Dai a violência como norma adoptada para conservar aqueles um absoluto mutismo. De várias maneiras ela é praticada. Liberdade de fazer reclamações não existe, as comissões de pessoal não são atendidas, é como se este não existisse, ou por outra: é considerado como a máquina que produz continuamente e que, quando gasta, se põe de lado como sucata.

Acima de tudo o desenvolvimento material da Companhia, quer lucupletando-se com o que pode quando das sobretaxas sobre o sistema tarifário, quer melhorando com o seu produto, por vezes destinado exclusivamente ao pessoal, material, renovando linhas, ampliando e embelezando estações, adquirindo matéria prima para novos e permanentes melhoramentos, por conveniência, que parecia paradoxal, da própria situação financeira, para que os benefícios concedidos pelo Estado, a maior parte das vezes, a pretexto da precária situação do pessoal, não desapareçam e com eles a probabilidade de novas melhorias e aumento de capital social, traduzido em móveis e imóveis, isto é: riqueza positiva.

Os ferroviários, esses encontram-se vergados ao peso das maiores das opressões, não reagindo contudo por intermédio da respectiva organização. Quando se resolvem e disferem mais um pouco de energia, que tem por erro não ser continua, lá conseguem um diminuto benefício, em relação ao que já se perderam disfrutar.

Demitidos, contam-se às dezenas, por terem a dignidade de defender os interesses da classe e a respectiva organização não possuir a indispensável acção e robustez para enfrentar tais ataques.

Isto duma forma geral.

Onde, porém, a violência assume aspectos duma opressão sem limites é nas oficinas gerais. São, talvez, 1.000 homens, que diariamente vivem sob a vigilância constante—que não permite o mais pequeno descuido—dos engenheiros e seus acólitos. Nem idade nem anos de casa; a nada se atende.

Homens com 10, 15, 20 e mais anos dum intenso trabalho, em prol do desenvolvimento da Companhia sofrem por vezes grandes afrontas. Multas, suspensões, admoestações injustificadas, tudo se faz com relativa facilidade. Momentaneamente vêm-se na rua despedidos sem que se lhes dê qualquer satisfação. Porque? Sabe-se lá porque! Umaz vez porque é *segredo da Companhia*, que diz ter uma policia devidamente montada e a pretexto da qual exerce toda a espécie de perseguições que lembra aos seus dirigentes, outras por terem ideias avançadas e ainda algumas vezes porque não agradam ao serviço...

E sabem quem executa estas violências? São os engenheiros com um, dois, três ou cinco anos de casa, que esquecem maliciosamente a energia, o vigor, a saúde e a alegria, deixados por cada operário, durante anos e anos, junto à bancada por eles acariciada e onde exgotaram as maiores forças, para mais tarde, no declinar da vida, serem atirados à miséria. Supremo ultrage! Com os velhos operários cansados e desgostosos, vêm despedidos também os novos, todos alvejados pelo mesmo ódio, que germina no coração dos tiranos.

O que se tem passado ultimamente nas oficinas de Santa Apolónia, ultrapassa tudo quanto se pode imaginar. As scenas ridiculas, para não as classificarmos de outra forma, que os engenheiros que predominam naqueles serviços ferroviários desempenham, dariam matéria suficiente para uma autêntica revista, se não fôra o sofrimento e a revolta que provocam, não só nos atingidos, como nos que conhecem os actos ali praticados, que serão desfiados nestas columnas, para análise e apreciação dos que, da dignidade humana não fazem um farrapo com que se elevam na vida, esmagando os semelhantes.

E pelos factos que aqui serão vinculados, se constatara facilmente o ambiente de terror adoptado contra centenas de operários, lamentavelmente esquecido e por sua vez esquecendo a sua única força: a *Organização Sindical*, cujo restabelecimento é de inadiável urgência.

C. U.

Sacco e Vanzetti

Os trabalhadores rurais de Juromenha, numa das suas ultimas reuniões, resolveram protestar contra a condenação à morte de Sacco e Vanzetti.

—Em reunião da comissão administrativa realizada ontem do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa foi deliberado officiar ao ministro dos Estados Unidos da América protestando contra a sentença de morte de Sacco e Vanzetti.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Trindade
Telef. T. 976

HOJE
A's 9 1/4 da noite

O HILARIANTE PATRIOTA
comédia em 3 actos, tradução de Lino Ferreira—Encenação da professora Lucinda Simões.

No final do espectáculo exhibir-se-há o «film» cinematográfico português intitulado

O Milagre de Fátima

DESPORTOS TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Ciclismo

Corrida de estafetas Coimbra-Lisboa

E' amanhã que se vai realizar a interessante prova Estafetas Coimbra-Lisboa; formada por equipas de três corredores representativas de clubes filiados na União Velocípédica Portuguesa.

O percurso é dividido em três etapas sendo: Coimbra-Leiria; Leiria-Bombarral, Bombarral-Lisboa, meta da chegada Mercado Geral de Gados.

A partida é às 6 horas da manhã, sendo a hora provável da chegada às 14 horas.

A inscrição continua aberta na sede da União Velocípédica Portuguesa, Travessa de São Domingos, 39, 1.ª e fecha no dia 16 às 23 horas.

Carcavelhos Foot-Ball Club—Provas Inter-sócios

Organizado por este clube, realiza-se no próximo dia 25 do corrente, no seu campo da Tapadinha, algumas provas de sports atléticos.

A inscrição para os socios que desejem concorrer a estas provas, assim como para aqueles que se pretendam especializar, encontra-se desde já aberta na secretaria do clube.

A questão da energia eléctrica

A direcção da Sociedade Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, teve ontem uma demorada conferência com os srs. Vicente de Freitas, presidente da comissão administrativa do Município; Quirino da Fonseca e Ferreira Lopes, respectivamente vogais dos pelouros de engenharia e de finanças.

O fim da reunião prende-se com a questão do abastecimento de energia eléctrica.

MÚSICA

Academia de Amadores de Música

Na Academia de Amadores de Música realiza-se, na próxima quarta-feira, 21, pelas 21 horas, a terceira audição de alunos de este estabelecimento de ensino, encerrando-se os trabalhos escolares deste ano lectivo com a apresentação das classes de canto, solfejo entoado, canto coral, piano, violino, violoncello, cornetim, flautas, francês e alemão. No programa figuram várias canções de gestos pela classe do professor Tomás de Borja, 3.º corais de J. S. Bach, F. Branco e Fernandes Fão pelo grupo coral da Academia, sob a regência do professor Fernandes Fão; e obras de Rhené Baton e Henry Woodlet em 1.ª audição, Schubert, Correlli, Beethoven, Schubert, Albeniz, Chopin, Weber, Couperin, Padre Silvestre Serrão, Luciano Xavier dos Santos, Tomás de Borja, António Frago, Mozart, Gretry, Massenet, J. S. Bach, etc., por alunos das classes dos professores Maria Helena Lial, Ilda Gomes, Sara de Sousa, Carmelina Borja, Ivo da Cunha e Silva, Abílio Meireles e Eduardo Libório.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A' venda na administração de *A Batalha*.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1932 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 6\$1.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abastecimento de 50 p.º e cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

Ocorrências diversas

No mesmo pósto também foi pensada e seguiu para casa, Isabel Maria, vendedeira ambulante, de 32 anos, natural do Cadaval e residente na rua do Século, 172, que caiu na mesma rua, fazendo um grande ferimento na cabeça.

No pósto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foi pensado e foi para casa, Alfredo Gomes Fidalgo, de 49 anos, torneiro, rua Vicente Borge, 102, 2.º, que foi agredido na rua 24 de Julho, ficando muito ferido no nariz.

INSTRUÇÃO

Na Escola Central n.º 11

Realiza-se amanhã na sede da Escola Central, d.º 11, rua Sara de Matos, 161, a costurada festa anual dedicada aos alunos pelos professores da referida escola.

A festa será iniciada com uma sessão solene às 13 horas, seguindo-se a exposição de trabalhos escolares; recitação de poesias por diversos alunos de ambos os sexos; cânticos populares pelo orqueão da escola; exercícios de educação física e ginástica sueca; distribuição de donativos às crianças e de diplomas aos alunos da 4.ª classe.

No final da festa será distribuído um «lunch» a todos os alunos, que foi oferecido, bem como os donativos, pela junta de freguezia da Lapa e pelos alunos do colégio Arraia.

Foram convidados a assistir o ministro da Instrução, director geral, inspector escolar, presidente da Câmara Municipal e a junta de freguezia da Lapa.

TEATRO APOLO

A CASA DE SUZANA

HOJE

A mais divertida e monumental comédia

Sucesso notável em Paris no teatro Palais Royal

Nos principais papéis os artistas:

Trene Gomes, Nilton Nêz, João Calasans, Artur Rodrigues, Aurelio Ribeiro, Elvira Veley e Ilda Stichini

Encenação do professor AUGUSTO DE MELO

SCENARIOS NOVOS

Excentrico e artistico Jazz-Band

Teatro Salão Foz

«Malmequer», série de quadros em conjunto

Bom gosto de indumentária, marcações certas e variadas, graças a Augusto Soares, especialista de reputação, música ligeira, coordenada e original, representação afimada, alegre e em equilíbrio, tal se pode dizer da sucessão de quadros em conjunto que o Teatro Salão Foz apresenta ao seu público, porque o Foz pode ufanar-se de ter um público se, muito se, pacato e não pouco entendido neste género de espectáculos. A empresa do Foz, continua a ser credora da nossa estima e do nosso aplauso.

A tentativa de agora é das que me parecem acertadas. Um grupo de artistas conhecidos e que de há muito conquistaram a simpatia das plateias do brilho, movimento e espirito à representação. O primeiro quadro da revista, a seguir ao primeiro, tem cor, costumes espanhóis característicos, as figuras bem vestidas e com um *asseio* infelizmente pouco vulgar em teatros populares. O corpo coral não aparece desordenado, aos encontros, neste quadro e no resto da peça, como tantas vezes se vê. Há personagens principais na pequena peça? Não há. Todos eles têm o seu lugar marcado, como merecimento adquirido e como função de momento. Alvaro Pereira «mereceu» o «compere», em toda a peça. Teresa Gomes e Alvaro de Almeida, os mesmos belos cómicos de sempre. Adelina Fernandes, cantora de fados, que não tem hoje par, muito bem no «lado do malmequer», que é inspirado, tendo de o bisar. Beatriz Costa vai sendo um bom elemento de teatro musicado. Maria Laura bem enquadra naquele simpático palco do Foz. O bom filho à casa torna...

José Victor discreto. M. Benard diligente. Guilherme Caupers, fino, característico nas suas canções, principalmente na «Valentine» que era um dos numeros mais de relevo, do repertório de Maurice Chévalier. Os bailados pela artista espanhola Pepita Reys, interessantes, sendo dum bellissimo recorte plastico-descriptivo o número intitulado «Os azes do toureiro». Tem originalidade e Pepita Reys fê-lo com explêndida intenção. Só este número valorisaria a revista. Finalmente, os scenários novos de Baltazar Rodrigues, Reinaldo Martins e Luz e Almeida.

Nogueira de BRITO

Homenagem a Erico Braga

De dia para dia recrudescem o entusiasmo e o interesse pela recita que, em homenagem ao illustre actor Erico Braga, vai realizar-se no Teatro da Trindade, na próxima terça-feira. Nessa noite representar-se-ha, em «première» a sua nova revista POMA-DA AMOR, escrita de parceria com Aveleiro de Sousa, e com música de Alves Coelho. A referida revista, ontem, a uma parte da distribuição masculina dessa peça, dissemos que ela apresentava várias surpresas, pelo que se refere ao desempenho confiado às damas. E assim é. E por isso já hoje divulgaremos que Amélia Pereira fará a *jardineira* e a *Rita*, Sticini a *Roscoe*, o *13* e *Uma senhora*, Irène Isidro, a *garçone* e *elegante* (V). Dulce de Almeida, a *campanzeira*, a *padroeira*, o *sábio* e Maria Cristina, a *freguesia* e *vendedeira*. Para a recita dedicada a Erico Braga todos os dias afluem, ao Trindade, novos pedidos de bilhetes, estando já tomados muitos camarotes, frizas, *fautuils* e balcões.

Repete-se hoje a funambulesca comédia «Casa de Suzana» que ontem no Apolo tantos aplausos mereceu. Artur Rodrigues, no impagável cômico tão exuberante de graça assim como Lino e Aurelio Ribeiro, nas tão características personagens que interpretam conseguiram o desideratum dos autores: fazer rir.

—Não nos enganavamos quando profetisamos o triunfo que Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo deveriam ter na peça «Os Filhos» levado ontem no Nacional; o publico aplaudiu o gentil *garotote*, bela criação de Ilda Stichini e o brilhante desempenho do difícil papel feito por Alexandre de Azevedo. Hoje repete-se a vibrante peça de tão interessante entredo e onde Maria Pia, Raúl de Carvalho tem papeis de destaque.

—Continua em scena no *Bouffes Parisiens* sempre com enorme concorrência a graciosa *vaudeville* TRES MENINAS... NUAS!, que está em ensaios no Ginásio, para reabertura desse teatro. Nessa jovialíssima peça o actor Ribeiro Lopes é quem interpreta o papel de capitão de fragata Guerra, de que as quatro sobrinhas substituem a última hora,—as artistas que deviam entrar num espectáculo, seduzindo, com as suas ligeiras *toilettes*, os namorados que com elas casam. Assim a peça tem um desenlace absolutamente moral, ao inverso do que pode deprender-se do seu título, —TRES MENINAS... NUAS!

—O publico continua manifestando uma decidida predilecção pelos espectáculos que realisando, no Trindade, a magnifica companhia Lucilla Simões-Erico Braga, conseguindo que seja aquele teatro o mais concorrido da actualidade. A espirosumissima comédia O PATRIOTA, está, ali, em pleno êxito, a pesar do avultado número de representações que já conta.

Ler o Suplemento de A BATALHA

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de Lucien Nèpote, tradução de A. de Almeida e A. Dias da Costa

Os Filhos

Encantador entredo

Espirituosos diálogos

Situações esplêndidas

Protagonista:

Ilda Stichini

Ultimas notícias

Lutero de Moraes

A' 1,30 horas, de hoje, faleceu na enfermaria de São Francisco do hospital de São José, o jornalista sr. Lutero de Moraes, que há dias naquele estabelecimento sofreu uma melindrosa operação.

Lutero de Moraes succubiu a uma broncopneumonia, que não conseguiu ser dominada pelos distintos clinicos daquela enfermaria.

O funeral do desditoso jornalista realiza-se amanhã a hora ainda não marcada.

‘A Batalha’ na provincia e arraias

Caldas

A infiltração religiosa

CALDAS DA RAÍNSHA, 15.—O administrador que nomearam para este conselho é um capitão de artilharia, que nos asseveram ser um monárquico assanhado, está começando a celebrar-se... Não satisfeito em pretender, à viva força, manter a anterior veracção, quasi exclusivamente composta de monárquicos e que foi espantosamente perdurária.

A reiterada autoridade que só acamara com monárquicos acaba de reconduzir no lugar de oficial da administração o famigerado traliteiro Manuel de Melo que se celebrizou em acintosas perseguições políticas, após a revolta de Santarém. Por várias vezes os monárquicos tentaram reintegrar o ex-policia Melo, não o tendo conseguido, devido à apertada vigilância das suas vítimas.

Deve acrescentar-se que com o regresso de Melo à administração este fica com dois lugares de official, quando só um lhe bastava. Será nisto que se resume a chamada compressão de despesas.

Para todos

Chama-se a atenção dos leitores deste jornal para o anúncio que vem na 3.ª página com o título de *Talão Brinde* e se aconselha que guardem o dito anúncio, pois que destes aparecem poucos.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de *A Batalha*.

SOCIEDADES DE RECREIO

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque		3\$11
Paris, cheque		\$51
Suiza, cheque		3\$78,5
Bruxelas, cheque		\$47
New-York, cheque		19\$55
Amsterdão, cheque		7\$85
Holanda, cheque		3\$67
Brasil, cheque		3\$20
Praga, cheque		\$58
Suécia, cheque		\$52,4
Austria, cheque		\$28,2
Berlim, cheque		\$46,6

ESPECTÁCULOS

Teatros

Nacional.—A's 21.—Os Filhos.
São João.—A's 21.—Bohemios.
Epico.—A's 21.—A Casa de Suzana.
Trindade.—A's 21.—O Patriota.
Dolteima.—A's 21.—O Leão da Estrela.
Ireneia.—A's 21.—O Dr. da Mula Ruça.
Marta Vitória.—A's 21 e 22.—O Az de Espadas.
Variedades.—A's 21 e 22.—O Pó de Arroz.
Século XV.—A's 21 e 22.—Malmequeres.—Variedades.
A's 15.—Matinée.

Cinemas

Chama (Vicente) (4 Graças)—Especuladores 3.
Tribuna e domingos com ematines.
Tribuna (Parque)—Todas as noites. Concertos: diversos.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chado Terasso — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Lortice — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Se a grande festa de propaganda da União fosse dada lugar a 110 mil boias e 230 mil canções em Portugal, as limas nacionais seriam as melhores do mundo. Experimentem, pois, as 110 mil boias e 230 mil canções em Portugal. As limas nacionais são as melhores do mundo.

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

6.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias

(MODIFICAÇÃO DO ARTIGO 7.º)

A partir da publicação do presente, o último período do Artigo 7.º da Tarifa de Despesas Acessórias relativo a transferências de remessas entre a mesma estação, é modificada como segue:

Estas transferências só são efectuadas mediante requisição feita na respectiva estação, quando delas não advinha inconveniente para a organização do serviço da mesma estação.

Lisboa, 1 de Julho de 1926.

Pelo Engenheiro-Director
Fernando Arruda

FATOS completos e sobretudo

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde 129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudo, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Camillo Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço combinado com a Empresa Gerl de Transportes, Limitada

AVISO AO PÚBLICO

(6.º Aditamento ao Aviso ao Público A n.º 102)

CAMIONAGEM DE MERCADORIAS

ENTRE A

estação de Pôrto-Campanhã, a vila de Matosinhos e o Pôrto de Leixões

No dia 15 de Julho de 1926 entra em vigor a tarifa de camionagem para o transporte de mercadorias, em grande e pequena velocidade, entre a estação de Pôrto-Campanhã e a vila de Matosinhos, onde é criado um posto de despacho denominado «Matosinhos-Central» e sito na Rua Brito Capelo n.º 665.

Poderão também ser efectuados, por intermédio do mesmo Despacho, transportes de mercadorias em grande e pequena velocidade entre a estação de Pôrto-Campanhã e o Pôrto de Leixões (molhe do lado Norte), devendo, para esse efeito, os expedientes indicar nas notas de expedição «Central Matosinhos-Leixões», como ponto de destino das remessas.

Para mais esclarecimentos, podem os interessados consultar a tarifa e obtê-la por compra nas estações desta Companhia.

Lisboa, 9 de Julho de 1926.

HORÁRIO DOS COMBOIOS

1.º Aditamento ao Cartaz-horário D. 170

Tramways entre Lisboa, Sacavém, Vila Franca, Carregado e Azambuja

A partir da data do presente são válidos para o comboio tramway n.º 1423, que parte de Lisboa-Rosário às 20.05 e chega a Vila Franca às 21.23, os bilhetes semanais e mensais de assinatura de 3.ª classe do Artigo 4.º da Tarifa Especial n.º 14 de grande velocidade.

Lisboa, 9 de Julho de 1926.—Pelo director geral da Companhia, o Engenheiro Chefe da Exploração, Lima Henriques.

1.º Aditamento ao Cartaz-horário D. 181

RÁPIDOS ENTRE LISBOA E MADRID

Por dificuldade no estabelecimento do novo horário na Linha espanhola de M. C. P., até aviso em contrário, os comboios rápidos entre Lisboa e Madrid, (n.º 151 e 152) fazem serviço de passageiros em 2.ª classe unicamente no percurso entre Lisboa e Valência de Alcântara.

Transitoriamente, portanto, não se vendem bilhetes de 2.ª classe ao comboio rápido de Lisboa-Madrid (n.º 151) para estações espanholas situadas além de Valência de Alcântara.

Lisboa, 2 de Julho de 1926.

2.º ADITAMENTO

— A —

Tarifa especial interna n.º II — Grande velocidade

Os volumes que, ao abrigo das disposições do 1.º Aditamento à Tarifa acima indicada, devam ser conduzidos nos furgões ou vagões dos comboios que circulem entre Lisboa e Torres Vedras, só se aceitam para transporte quando presumivelmente não tenham peso superior a 40 quilos cada um.

Lisboa, 8 de Julho de 1926.

3.º ADITAMENTO

— A —

Tarifa especial interna n.º 3 — Grande velocidade

Os volumes que, ao abrigo da condição 4.ª da tarifa acima indicada, devam ser conduzidos nos furgões ou vagões de reserva dos comboios tramways só se aceitam para transporte quando presumivelmente não tenham peso superior a 40 quilos cada um.

Lisboa, 8 de Julho de 1926.

Pelo Director Geral da Companhia
O Engenheiro Chefe da Exploração
Lima Henriques

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada *El otro amor* de Federico Moseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha

Fábrica de Malas, Carteiras e Artigos de Viagem

DE JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

Rua da Cruz da Carreira, n.º 43

Estabelecimentos para venda ao público:

Praça José Fontana, N.ºs 11 e 12-A

Avenida Casal Ribeiro, N.ºs 45 e 47

LISBOA

Telefone 5.347 N.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5523

Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

E' bom beber mas... Sabendo o que se bebe Sabendo quanto se bebe

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empresa Val do Rio J.º

(RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:

RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º

Telefone 207 C.

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

1.º Aditamento

— A —

Tarifa especial interna n.º II — Grande velocidade

Os volumes que, ao abrigo das disposições do 1.º Aditamento à Tarifa acima indicada, devam ser conduzidos nos furgões ou vagões dos comboios que circulem entre Lisboa e Torres Vedras, só se aceitam para transporte quando presumivelmente não tenham peso superior a 40 quilos cada um.

Lisboa, 8 de Julho de 1926.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo..... \$50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne..... \$50

O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Balthaz..... \$50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... \$100

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar..... \$100

A Humanidade, por Taraf Javov..... \$150

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin..... \$200

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchof..... \$200

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série..... \$250

Mitralismo, pelo prof. Almeida..... \$250

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... \$300

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corria..... \$350

A Filologia perante a História, por Nobre França..... \$500

TALÃO BRINDE

38 — Rua de S. Paulo — 40 (junto ao Arco)

O possuidor deste anúncio tem direito, mediante a apresentação do mesmo, ao desconto de 10 % no cálculo que comprar na nossa casa, recebendo na ocasião um talão numerado com que fica também habilitado a entrar no sorteio.

O nosso cálculo tem o preço de venda marcado para que possam confrontar com o das outras casas congêneres. Tudo quanto se dá é dos nossos limitados lucros.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja..... \$100

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade..... \$50

Futura..... \$50

José Prat — A burguezia e o proletariado..... \$50

A necessidade da Associação..... \$50

Content — Contra o confucionismo..... \$30

Alfredo Naves Dias — Razão (poema social)..... \$50

Landauer — Social Democracia..... \$30

R. Mela — O princípio do fim..... \$30

*** A maçonaria e o proletariado..... \$30

J. Most — Peste religiosa..... \$50

Ria..... \$100

J. Trovas da noite..... \$50

Definições sociais..... \$50

O Cavador (teatro)..... \$100

Horas anárquicas (versos)..... \$50

*** Carnet de Pensamento..... \$20

J. Bakunine — No sentido em que os anarquistas..... \$50

Chueca — Como não ser anarquista..... \$50

B. Lazare — A Liberdade..... \$50

J. Etrevant — A minha defesa..... \$50

Kropotkin..... \$50

A mocidade..... \$50

Os bastidores da guerra..... \$50

Moral anarquista..... \$50

O espírito revolucionário..... \$50

J. Guedes — Lei dos Salários..... \$50

Briand — A greve geral..... \$50

Roland — Rússia Nova..... \$50

*** O sindicalismo e os intelectuais..... \$50

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário..... \$50

A. Hamon — A crise do socialismo..... \$100

J. Santos — A transformação da sociedade..... \$50

Neno Vasco..... \$50

Georgicas..... \$30

Greve de inquilinos, teatro..... \$100

Domela — Pátria e Humanidade..... \$30

*** Proletariado Histórico..... \$100

G. Archineot — A Revolução e o Sindicalismo..... \$50

Carlos Rates — A ditadura do proletariado..... \$100

Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus..... \$100

N. Lenine — A luta pelo pão..... \$50

Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária..... \$100

Trostky — Constituição política da República dos Soviéticos..... \$50

G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha..... \$50

C. de G. O. N. M. — Procriação consciente..... \$50

José Torralvo — La Revolución..... \$150

Lélio O. Zeno — Problemas universitários..... \$200

La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número..... \$200

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo..... \$600

Cuentos de Itália..... \$600

La vida de um Hombre inncesario..... \$600

Wladimir Korolenko

El Imperio de la Muerte..... \$600

Dr. G. Feydoux

La vida tragica de los Trabajadores..... \$1000

Jean Masestan

La Educación Sexual..... \$1000

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade..... \$900

E. Reclus

La Montaña..... \$600

El Arroyo..... \$600

Octavio Mirbeau

El Calvario..... \$600

P. Kropotkin

La etica, La revolucion e el Estado..... \$600

Luis Fabry

Crítica revolucionaria..... \$600

H. Malatesta

Ideário..... \$600

F. Doslojevsky

Los Hermanos Karamazov..... \$900

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escritores revolucionários — Preço..... \$1000

Pedidos à administração de A BATALHA

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Policlínica do Rato

PRACA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1200

Dr. Júlio Gonçalves — Boca e dentes, às 13 horas.

Dr. António Monteiro — Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo — Rins e vias urinárias, às 13 h 12.

Dr. António Fernandes — Medicina geral e doenças nervosas, às 15 h 12.

Dr. João Saraiva — Doenças dos olhos, às 15 h 12.

Dr. João de Moraes Sarmiento — Ginecologia e operações, às 16 h.

Dr. Raiva Saavedra — Pele, sífilis e pulmões, às 17 h.

Dr. Tavares do Couto — Garganta, nariz e ouvidos, às 15 h 12.

Dr. José Crespo — 17 h 12 h — Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.

Análises clínicas, electroterapia, maagem e gymnástica médica

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narcizo — A's 3 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Villar — 4 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 3 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cancro e radio — Dr. Cabral do Melo — 4 horas.

Rnio X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Bento — 4 horas.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combra, 33-A. 2.º

Motocicletas SUN; B S A. Bicycletas SUN; B S A.

Accessórios — Contadores para água — Gramofones — Discos — Artigos de futebol — Bicycletas «Onix» com uniões, 600\$00.

P. COELHO

Trav. de São Domingos, 23 — LISBOA

BOTAS

CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

SECÇÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde..... 45\$00

Botas para homem em vitela preta desde..... 50\$00

Botas para homem forma da moda cor ou preta..... 75\$00

Sapatos verniz senhora..... 60\$00

Sapatos crepe celão última moda..... \$

Botas crepe celão última moda..... \$

Grande quantidade e variedade de calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.

Dá-se um brinde, a quem comprar nesta casa e apresente este anúncio.

Vê os preços de sensação nas nossas montras.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

— Oxalá, meu amigo, disse João de Witt, impressionado pelas palavras de Nominóé, que eu nunca tenha ensejo de duvidar da vossa sinceridade!

— Sim! continuou ainda João de Witt estendendo cordalmente a mão a Nominóé. Sim, dizeis a verdade. A admiração, não pelos homens, mas pelos princípios que eles representam, é salutar e fecunda! e esse nobre sentimento, vós o exprimis de tal maneira que eu não posso deixar de felicitar vosso pai por ter um filho como vós. Conservai sempre esse violento ódio contra todas as tiranias.

ESCLARECENDO A SITUAÇÃO

Nominóé, num impeto de entusiasmo involuntário, em vez de apertar a mão que lhe estendia João de Witt, inclinou-se e aproximou-a dos lábios por um movimento de veneração quasi filial, tão natural, que o pai, o sr. Serdan e João de Witt se sentiram duplamente comovidos.

Salaün Lebrenn, com as lágrimas nos olhos, disse então ao grande pensionário da Holanda, com uma expressão de inefável felicidade:

— Sim, sr. de Witt, eu sou um feliz pai.

— Agora, meu amigo, disse Serdan ao grande pensionário da Holanda, se vos restasse ainda alguma dúvida acerca da exactidão das informações que vos transmitiu o sr. Lebrenn sobre o estado dos espiritos na Bretanha, o valor moral do meu amigo e do seu digno filho devem ter-vos dado toda a confiança nêles. Eu assim o espero.

— A rectidão de carácter, a elevação de sentimentos devem sempre inspirar confiança absoluta, disse João de Witt. Por isso ouvirei com o máximo prazer o que o vosso amigo pode ter a dizer-me a respeito da política francesa.

— Vou dizer-vos, senhor, como se acha actualmente a opinião pública na Bretanha, disse Salaün Lebrenn.

Uma fracção notável da burguezia de Rennes e de

Nantes, pertencente à religião reformada, inclinaria-se para uma República federal, segundo as tradições protestantes do século passado; a maioria dos membros do parlamento e da magistratura, e uma parte da burguezia, a-pesar de odiarem Luis XIV, preferem a forma de governo monárquico, mas com a suprema soberania dos Estados gerais, soberania proclamada já no século XIV por *Estevão Marcel*! Esta fracção desejaria conservar os reis como simples agentes executivos das Assembleas nacionais. A nobreza é monárquica, mas pouco numerosa. Quanto ao povo das cidades não ignorais o estado de ignorância e aviltamento em que o conservam os seus opressores; sobrecarregado de contribuições pesadissimas, antes se revoltaria contra a miséria e contra os agentes do fisco do que contra o rei ou contra a forma de governo! A população dos campos, quasi toda vassala, explorada, oprimida pelo clero, pelos senhores, pelos agentes do fisco e pelo exercito, levada aos ultimos extremos pelo excesso da desventura, revoltar-se-ha contra o sofrimento, contra os senhores, contra os padres, recebedores e soldados, mas ficara tão indifferente como a das cidades à questão de forma de governo. Bem vêdes, sr. de Witt, que eu não me iludo muito... Tanto tenho a certeza duma próxima sublevação na Bretanha, quanto receio as consequências desse movimento. De certo que o governo republicano que tanto poderio, tantas prosperidades, tanta grandeza deu as vossas províncias, é na minha opinião o melhor de todos; é o meu ideal, mas não posso vê-lo tão cedo implantado no meu país. E até pode ser que, se a insurreição triunfar, se a Bretanha recuperar pelas armas a sua liberdade e as suas franquias, essa vitória seja inutilisada logo no dia seguinte, e tornemos a perder tudo, por causa da falta de coesão, de unidade de vistas, de abnegação ou intelligência dos próprios que tiverem travado a luta!... Contudo, a insurreição da Bretanha terá consequências favoráveis ao progresso da humanidade, porque o rei, a nobreza e o clero, assustados com a violência do movimento revo-

lucionário, serão contrangidos, pelo receio de novas represálias, a aliviar um pouco o jugo com que oprimem os povos. Este alivio é uma conquista pequena, bem sei... mas sempre é uma conquista certa. A experiência dará razão as minhas palavras; é tal a convicção que tenho disto, que nem eu, nem o meu filho hesitaremos em tomar parte numa luta de que seremos talvez as primeiras victimas, como succedeu a muitos antepassados nossos, que morreram batendo se pela mesma causa! Mas que importa?... ter-se-ha dado um grande passo para a emancipação dos povos! Aqui tendes, sr. João de Witt, o motivo porque venho, em nome dos descontentes da Bretanha, pedir o apoio moral e material da República das Províncias Unidas, a-fim-de combatermos o infame e odioso Luis XIV, nosso e vosso inimigo!

— Meu amigo, replicou João de Witt, depois de ter escutado Salaün Lebrenn com a máxima atenção; no ano passado, quasi por esta mesma época, acabava o nosso amigo Serdan de percorrer a França; por outro lado, o sr. Roux de Marcilly, capitão huguenote, homem enérgico, perspicaz, contando numerosos amigos entre os membros independentes da câmara dos comuns de Inglaterra, opostos à aliança francesa, tinha visto, como Serdan, como que desportar no horizonte os germes dessa sublevação hoje prestes a rebentar. Ambos me perguntavam então se, no caso de revolta, a República auxiliaria o movimento popular...

— E vós respondestes negativamente, disse Serdan, dizendo que a República estava ligada ao governo de Luis XIV por um tratado feito em tempos em que nada fazia prever que este príncipe viria ainda a ser um opressor dos seus povos. Eu predisseis que essa aliança, por vós tão escrupulosamente respeitada, seria qualquer dia calcada aos pés por Luis XIV... e os factos deram-me razão!

— E' verdade... mas para mim é um crime frustrar uma traição por meio de outra traição!... Hoje a situação é muito diferente... Luis XIV, despresando o juramento de renúncia, feito por ocasião do seu ca-

samento com a infanta de Espanha, invadiu a Flândres, rompeu sem motivo a nossa aliança, declarando-nos guerra sem que a isso o levasse a sombra dum pretexto, assaltando a Inglaterra para nos combater; a República acha-se hoje em caso de legítima defesa, e praticar um acto a um tempo generoso e de boa politica, prestando o seu auxilio a um povo oprimido. Suscitar-se-hão assim perigosas dificuldades internas ao governo de Luis XIV, e demais, ajudaremos o povo francês, senão a quebrar o seu jugo, ao menos a aliviar-lo um pouco. Prometo-vos, portanto, aconselhar os meus amigos da Assembleia dos Estados a prestar o auxilio moral e material da República ao povo da França... se ele se revoltar contra Luis XIV... e espero que a República vos fornecerá armas e dinheiro...

— Oh! meu pai! exclamou Nominóé com entusiasmo, havemos de dar no despoa um golpe mortal!... a República é por nós!... Comuna e Federação!

Salaün Lebrenn, sem partilhar por completo as esperanças do filho, disse em tom de firme convicção a João de Witt:

— Em nome de tantos oprimidos que hão de vêr, senão o termo, ao menos a suavização dos seus sofrimentos, abençoado e glorificado sejais, sr. de Witt! Mais uma vez vos mostrais fiel aos princípios de toda a vossa vida... Graças ao apoio da República, o nosso triunfo será certamente muito superior ao que eu esperava. Este apoio moral e material está certo... a vossa poderosa influencia, como grande pensionário da Holanda, será determinante e decisiva.

— Perdão por vos interromper, sr. Lebrenn mas eu já não sou grande pensionário da Holanda...

Salaün Lebrenn, Serdan e Nominóé entreolharam-se com espanto, e ficaram por um momento silenciosos. O primeiro a falar foi Serdan, que exclamou:

— O quê?... será possível o que me dizeis, meu caro amigo?... Vós resignastes as vossas altas funções?



A higiene nas padarias e locais de venda do pão

(Tese a apresentar ao I Congresso de Indústria de Alimentação, pelo Sindicato dos Manipuladores de Pão de Coimbra)

A observância dos preceitos de higiene é o mais seguro penhor da prosperidade da saúde pública, e a mais eficaz medida preventiva e profilática contra todas as doenças. O contrário, é esquecer as regras da higiene, e o principal, senão o único factor do nascimento e do desenvolvimento das doenças que afligem a humanidade.

A sífilis, a tuberculose, o cancro, a lepra, etc., etc.—todas estas flagelantes que infelicitem os humanos—têm uma origem comum: o menosprezo a que os humanos votam a higiene.

O desrespeito pelas regras da higiene é, pois, o principal agente e veículo das doenças.

Nos compreendemos esta verdade, e, por isso, temos o dever de nos esforçarmos por colaborar, tanto quanto em nossas forças caiba, nessa obra gigantesca de higienização social. A nós, manipuladores de pão, assiste, sobretudo, o direito de abordar, sobre este assunto de magno interesse social, o capítulo da higiene nas padarias e locais onde se vende o pão.

Não ignora ninguém que a maioria das padarias não reúne as necessárias condições higiénicas que satisficam as exigências da civilização moderna.

O desprezo a que, na maioria das padarias, se votam as mais rudimentares leis da higiene—confrange-nos pelo que revela de pavorosa inconsciência duns, e revolta-nos pelo tacanhissimo espirito de egoismo ganancioso que descobre noutros. Desta vergonhosa falta de carinho pela higiene, são vítimas: o público em geral a quem é vendido o pão, cuja manipulação não foi até ao fim rodeada dos indispensáveis cuidados higiénicos—e os manipuladores de pão, que directamente sofrem as consequências das insalubres condições das oficinas em que é fabricado o precioso alimento.

Na maioria das padarias, por esse lado, os que manipulam o pão não encontram as necessárias comodidades que somente uma minoria de casas possui—e que, lá fora, são, há muito, uma realidade generalizada.

Mais concretamente: raras são as casas de fabricação de pão, que possuem os modernos requisitos da higiene: casas de banhos, lavatórios, toalhas, guarda-roupas, escarradeiras, etc.—o que dá em resultado verem-se os operários forçados a amassar, não convenientemente limpos.

Pelos cantos, na maioria das padarias, encontram-se masseiras velhas, deterioradas, carunchosas e cheias de fendas onde se acumulam restos de massa que ali apodrecem e exalam um cheiro nauseabundo, que concorre, entre outros factores, para a lenta intoxicação do manipulador, e que é comunicado, depois, à nova massa.

Quantos não têm sido inutilizados, embora temporariamente, por ferimentos feitos nas próprias masseiras cheias de fendas?

Outro facto muito notado e para o qual chamamos, neste momento, a atenção especial de todos os congressistas, para que seja, o mais urgentemente, remediado, é o seguinte: a quasi totalidade das casas, onde funcionam padarias, não tendo sido propositalmente construídas para o fim a que hoje estão destinadas, não têm, por esse motivo, as suas divisões em harmonia com as necessidades e as conveniências daquelas que nelas trabalham.

Exemplificando: muitas casas possuem os fornos expostos às correntes de ar frio, que sopra encanado pelas portas. Este é, talvez, um dos principais factores das terríveis bronquites, asma e—horível corolário—da tuberculose de que os forneiros são vítimas.

Uma grande parte dos industriais não têm escrúpulos em contribuir para o envenenamento lento da população, e, consequentemente, para o seu deperdamento físico, pela aplicação de farinhas deterioradas, na manipulação de pão.

Isto representa um atentado cobarde, asqueroso, altamente criminoso, contra a saúde do público—esse público a que todos os operários pertencem, inclusive os manipuladores de pão e suas famílias. Por tal motivo, impende sobre os manipuladores de pão o dever de, sem cobardia, sem subagismo, com altivez, defender o público explorado e envenenado, contra o egoismo desenfreado de certos industriais inscruptulosos.

Ainda na maioria das oficinas de padaria, a falta de limpeza vai até ao ponto de, em virtude das masseiras estarem situadas próximo dos fornos, aquelas serem inundadas, devido a não terem nenhum resguardo, por ondas de fuligem e pó, que as vassouras desprendem dos fornos, quando estes são varridos.

Não é, também, acontecimento esporádico, ver-se operários—aliás, inconscientes das vantagens da higiene—escarrar no chão, forçados a transgredir, desta forma, as regras da higiene, já pela influência do ambiente imundo da padaria onde trabalham, já devido à não existência, naquelas regiões, de escarradeiras.

As padarias transformam-se, assim, pelas suas precárias condições de higiene, em excelentes viveiros de microbios da tuberculose, da sífilis e outras tantas doenças. (Tenhamos em atenção que um grande contingente, principalmente nas cidades, dos manipuladores de pão, é, infelizmente, de tuberculosos e sífilíticos).

Grande quantidade de operários, sem dúvida por desconhecimento absoluto dos princípios de higiene, trabalha de cabeça descoberta e sempre abaxiada sobre a massa.

Grande parte, também pela mesma razão, fuma, enquanto está amassando ou tendendo.

Poucos ignoram que—regra geral—o único fido dos industriais é venderem a máxima quantidade de pão, nada se importando que a saúde pública corra perigo, em consequência da pouca higiene que habita nos locais onde é vendido o pão ao público.

Frequentissimo é ver-se, por esse lado, não à venda em imundos locais, em

suas prateleiras sem resguardo de vidraça nem arame, de mistura com hortaliças, sardinhas, queijo, fruta, carvão, etc.

As moscas, que poissam, indiferentemente, em flores e em escarros de sífilíticos e de tuberculosos, vêm continuamente pintalgar de dejectos os pães. As poeiras encenchem-nos de porcarias microscópicas.

Mulheres e homens, que estão à frente dessas casas de venda, sujos no traje e no corpo, pegam no pão com as manípulas negras de carvão e doutros géneros, sem a menor noção de asseio.

Isto, como todos compreendem, constitui uma ameaça permanente para a sanidade pública.

CONCLUSÕES

Verificada a falta de higiene na maioria das padarias e locais de venda do pão, e analisados os perigos que daí advêm para a saúde pública, cumpre aos sindicatos estabelecer algumas bases gerais para a luta em prol da higiene. Essas bases podem sintetizar-se nas seguintes medidas, por cuja realização os sindicatos pugnam.

Aos sindicatos compete:

1.ª, Nonatear comissões, que tenham por fim percorrer as padarias e locais de venda do pão e informar-se das suas condições de higiene.

2.ª, Estas comissões darão conta da sua missão e do que viram, ao sindicato que as nomeou, para que este proceda em harmonia com as conveniências.

3.ª, Esforçar-se por obter, por reclamações formuladas às juntas sanitárias, o seguinte:

a) que as massarias sejam isoladas, convenientemente, dos fornos, e vedadas de forma a evitar que nelas entrem fuligem ou pó, provocados, principalmente, pelo varrer dos fornos;

b) que as massarias sejam ladrilhadas a mosaico, e lavadas, pelo menos, duas vezes por semana;

c) que as masseiras sejam reparadas anualmente, evitando-se, assim, que nelas se acumulem massas que apodrecem e cuja putrefacção tanto pode concorrer para o desenvolvimento de doenças contagiosas, que em todas as padarias, sejam criados gabinetes com guarda-roupas, banheiras, lavatórios, toalhas, etc.;

d) que as padarias, que de futuro se construírem, se tenha em atenção a abertura de portas e janelas, de forma a evitar que estas, estabelecendo fortes correntes de ar frio, intercepem a porta dos fornos, prejudicando os camaradas forneiros, e que nas padarias já construídas se remedeie este mal, rasgando novas portas ou janelas e encerrando as que se julgarem prejudiciais;

e) que em todas as padarias sejam colocadas escarradeiras e que estas sejam amudadas vezes desinfectadas;

f) que os patrões forneçam aos seus assalariados, gorros brancos, que eles usará enquanto durar o trabalho;

g) que seja proibida a venda de pão em locais imundos e não apropriados, que não satisficam aos necessários requisitos de higiene.

h) Fornecer aos seus associados menos instruídos, noções de higiene, de sorte a obviar:

i) que eles escarrem no chão das padarias; que eles fumem durante o período de tempo em que estão manipulando as farinhas;

j) que eles consintam, sem protesto formulado ao respectivo sindicato, que o patrão aproveite farinhas deterioradas para o fabrico do pão.

Comité pró-presos por questões sociais

Reúne hoje, pelas 21 horas, este comité.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sindicato dos Contramestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

Realizam-se, hoje e amanhã as festas comemorativas do 9.º aniversário do sindicato. Amanhã, pelas 14 horas, efectua-se a sessão solene. A direcção convida, por intermédio deste jornal, os organismos operários a fazerem-se representar.

A situação em Moçambique ainda se não modificou

LOURENÇO MARQUES, 10 de junho. — A ordem e assunto do dia é a Revolução de que, até agora, se não sabe o verdadeiro carácter. Os telegramas chegados deixam ver, claro, as intenções de que, animados pelo espírito de revolução se lançaram movimento para a salvação do País. Seja como for, não seguiram os revolucionários os passos que seguem todos os que conseguem a vitória, pois constata-se que os perseguidos e vítimas dos governos de António Maria, continuam nos exilios e sofrendo como se essa figura sinistra ainda imperasse.

Os serviços ferroviários, continuam a sofrer pela falta de quatro centenas de camaradas que erram por estas ruas uma situação de miséria e desolação.

Continua no exercício de suas funções destruidoras, o engenheiro Avelar-Ruas e Oliveira Cabral que já regressaram do Transvaal onde foram repousar depois da fadiga que eternamente ficará recordada em Moçambique. Espera-se que o novo alto-comissário, general Massano de Amorim, logo que aqui desembarque, preste a justiça devida aos perseguidos.

O Emancipador deve reaparecer no próximo dia 23, tendo-se efectuado já, várias reuniões dentro da Casa dos Trabalhadores. Toda a camarilha de Azevedo Coutinho, anda neste momento apreensiva devido a ter perdido a esperança embaldadora que o seu chefe regressasse depois de ter conseguido a resolução dos célebres problemas que ia à metrópole tratar. — C.

SOBRE EDUCAÇÃO

O engano dos que discutem as questões de educação doméstica, consiste em atribuir todos os defeitos, em imputar todas as dificuldades às crianças e nenhuma aos pais. Tanto no que diz respeito ao governo da família, como no que diz respeito ao governo da nação, supõe-se sempre que as virtudes estão do lado dos governantes e os vícios do lado dos governados.

A julgar pelas teorias de educação, parece que homens e mulheres se transformam, logo que as consideramos como pais ou mães. Todos os dias vemos que as pessoas com quem temos relações comerciais ou que encontramos no mundo, são culturas imperfeitas. Nos escândalos diários, nas rixas entre amigos velhos, nas falências, nos processos, nos relatórios da polícia, encontramos diariamente a prova do egoísmo, da falta de probidade, da brutalidade geral, e contudo, quando se critica o mau procedimento das crianças, parece estar provado que aqueles que as educam, e que não são senão todos esses pecaadores, não têm responsabilidade nenhuma no modo como procedem para com os seus filhos e filhas.

Tão longe está isto da verdade, que pelo que nos toca, não hesitamos em imputar aos pais a maior parte das desavenças domésticas que ordinariamente se atribuem à perversidade dos filhos. Não dizemos que se dê com as pessoas bondosas e constantes de si próprias, no número das quais esperamos poder colocar a maioria dos nossos leitores; mas afirmamos que o facto é verdadeiro na sua generalidade. Que espécie de cultura moral pode dar a mãe, que tem o hábito de sacudir brutalmente o filho quando este não quer mamar, como temos pessoalmente presenciado?

Que sentimento de justiça inculcará o pai, que avistado pelos gritos do filho de que este tem um dedo entalado numa porta, começa por lhe bater em vez de o socorrer? O facto foi-nos referido por uma testemunha ocular. Outro exemplo ainda mais irrisante e garantido: também por uma testemunha directa: uma criança é conduzida a casa com uma perna quebrada e ali receberá uma batendo-lhe! Que esperança de educação moral pode conceber-se para essa criança? E' verdade que estes casos são extremos, são casos que denotam na criatura humana a presença d'esse instinto que leva o irracional a dar cabo dos filhos quando estão doentes ou feridos. Mas por mais extremos que sejam, oferecem tipos de sentimentos e de procedimentos que todos os observam em muitas famílias. Quem é que não viu uma criança ser muitas vezes espancada pela mãe ou pelos pais, por causa da sua rabugice, rabugice originada pela falta de saúde? Quem há que não tenha ouvido uma criança, ao levantar bruscamente uma pobre criança que caiu no chão, chamar-lhe estúpida, com uma irracionalidade que para o futuro presagia uma série infinita de asperas censuras? E' o tom duro com o qual se ordena ao filho que esteja quieto, não mostra quanto este está longe de compreender a sua maneira de sentir? Porventura as contrariedades p'pétuas e inúteis que fazem sofrer às crianças: por exemplo, a ordem de se assentar, quando numa criaturinha tão activa, a imobilidade deve produzir uma grande irritação nervosa; a proibição de olhar para fora pelas portinholas no caminho de ferro, quando isto é para uma criança inteligente uma privação séria, não indicia isto tudo uma terrível ausência de simpatia? A verdade é que as dificuldades da educação moral têm uma dupla origem, e provêm ao mesmo tempo dos pais e dos filhos. Se a transmissão hereditária é uma lei da natureza, como o sabem todos os naturalistas e como o repetem a experiência de todos os dias e os proverbios das nações, então na média dos casos os defeitos dos filhos são o reflexo dos defeitos dos pais. Dizemos a média dos casos, porque o facto da transmissão complicando-se com a influência dos antepassados afastados, não poder ser verdadeira senão de um modo geral. E, se na média dos casos essa hereditariedade de efeitos existe, as más paixões que os pais têm de combater nos filhos são exactamente as que eles próprios possuem.

Pode suceder que isto se não veja exteriormente, pode estar encoberto e oculto como outros sentimentos; mas é assim. Não se pode portanto evidentemente esperar que triunfe um sistema ideal de disciplina; os pais não são suficientemente bons para isso.

Herbert SPENCER

Rendimentos dos operários

Numa oficina de serralharia, na rua Capitão Leitão, 92, desabou ontem à tarde, uma porção de chapas de ferro que ali se encontravam empilhadas, as quais colhidas os serralheiros Francisco Barroso, de 17 anos, rua Capitão Leitão, 42, Adelino Amodeo, de 30 anos, rua do Ouro, 165, 4.ª, e José Henrique Costa, de 24 anos, rua da Regueira, 12, 2.ª, que ficaram com vários ferimentos e contusões nas pernas. Transportados ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, receberam ali curativo recolhendo depois a casa.

Escola Industrial Fonseca Benevides

A comemoração do seu 9.º aniversário

Realiza-se hoje e amanhã a comemoração do 9.º aniversário da Liga de Instrução e Educação da Escola Industrial de Fonseca Benevides. Hoje, pelas 21 horas, haverá a primeira audição do orfeão da escola, concerto musical e baile; e no domingo, às 15,30 horas, terá lugar uma sessão solene.

Esta comemoração estava anunciada para os dias 10 e 11, mas não pôde realizar-se em virtude dos últimos acontecimentos.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Rurais de Juromenha. — Recebemos 50\$00 do débito da bandeira pelo delegado António Marcelino.

Manipuladores de Cilindros de Vidraça. — Vimos encomendar a bandeira, o seu preço ainda o não sabemos. Informaremos depois.

CARTA DE COIMBRA

O despejo violento no Largo Sá de Miranda — Um simbolo patronal — Atitude injustificável — Uma manifestação anti-clerical

COIMBRA, 15. — Sobre o primeiro assunto, de que fizemos desenvolvimento referencial, recebemos do Comissário Geral da Polícia, a seguinte nota officiosa:

«O Conselho Disciplinar do Corpo de Polícia desta cidade, tendo reunido hoje para julgamento dos guardas 108 e 111, que eram acusados de intervir no despejo da casa n.º 20 da rua de São João, resolveu por unanimidade aplicar a pena de suspensão de vencimento e exercício por 15 dias ao guarda n.º 108 por se provar que, sendo chamado a intervir, empregou o nome do Comissário Geral para se revestir da autoridade que necessitava para intimidar os estudantes, pondo por essa forma em cheque o prestigio do seu chefe supremo. O guarda 111 foi absolvido por se ter provado que agiu em virtude do procedimento do 108».

Como já emitimos a nossa maneira de ver sobre este caso, dispensamo-nos de mais comentários, aguardando nós no entanto, o seguimento do processo movido ao sr. comissário por abuso de autoridade.

Não será contudo descabido esclarecer os leitores de que o conselho disciplinar que julgou os guardas é composto pelo inspector e pelo comissário da polícia, o que achamos não estar muito certo, já mais uma questão como esta em que o sr. comissário é acusado de ter praticado uma arbitrariedade.

José Luís de Amaral é um cidadão que explora o negocio de padaria ali para São João do Campo. Há tempos contratou para o seu serviço, debaixo de tentadoras promessas, o operário manipulador de pão João Pereira Leiria. Este operário caiu na asneira fide um dia defender o patrão numa desordem, de que lhe resultou a fractura duma perna, pelo que teve de recolher ao hospital da Universidade.

Pois a forma mais lógica que o sr. Amaral encontrou para manifestar a sua gratidão para quem generosamente o defendeu foi esta: não só não se preocupou com a situação material do operário, que tem três filhos menores, como ainda o dispensou do seu serviço!

Para cúmulo, ainda se recusou a entregar ao aludido operário a quantia de 37\$50, importância esta pertença do operário e produto de vendas de pão, sem manifestar a minima consideração por um homem que está impossibilitado de trabalhar há mais de um mês e por única e exclusiva culpa sua.

Será conveniente que todos os manipuladores de pão desta cidade, fiquem conhecendo a força deste patrãozinho, para evitar que se dêem de futuro casos destes.

Nesta cidade, um «Grupo de homens livres» editou em manifesto, que profusamente espalhou durante as festas, o brilhante artigo «O Ensino Religioso» publicado neste jornal, da autoria do lente da Faculdade de Medicina desta Universidade e colaborador de A Batailha, dr. Geraldino Brites.

No domingo pretérito, quando o operário Manuel Martins andava, com outros, procedendo à distribuição dos referidos manifestos, um oficial do regimento 23, capitão Costa, rasgou na presença do distribuidor, o exemplar que das suas mãos recebera. O distribuidor fez-lhe sentir a incorrecção do seu proceder. O oficial, melindrado, esbofetou-o. Manuel Martins respondeu-lhe no mesmo tom. O capitão Costa, enfurecido, numa ânsia de vingança, para atrair sobre o seu antagonista o ódio da multidão e das autoridades, desatou a chamar-lhe «carterista», em altos berros.

Suriram os agentes da policia, cabo 11 e o policia 69, que se inteiraram do ocorrido, hesitando em prender o operário insultado. Um tenente, cujo nome ignoramos, interveiu, neste momento, impondo aos agentes da policia a prisão de Manuel Martins, que foi levado para a esquadra, onde o mantiveram durante 16 horas.

Protestamos contra a atitude arbitrária do capitão Costa, síntese das violências que sobre a população exerce a odiosa ditadura clerical-militar.

Conforme anunciamos veiu no passado domingo a esta cidade uma excursão promovida pelo Centro Socialista do Bomfim, do Porto.

A excursão, que era composta por próximo de 1.500 pessoas, recebeu as boas vindas na Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Em seguida realizou-se uma romagem ao túmulo de Joaquim António de Aguiar, eminente vulto liberal do século XIX, e autor da lei da extinção das congregações religiosas.

A comissão do Centro Socialista do Bomfim, ofereceu uma lápide em homenagem à obra daquele estadista. Na cerimónia do descerimento da lápide, fizeram uso da palavra os professores Tomás da Fonseca e Almeida Costa, que pronunciam dois magníficos discursos de propaganda anti-clerical e nos quais vincaram os benefícios da obra de Aguiar. Foi especialmente na instrução onde esses efeitos melhor se fizeram sentir, pois que antes da extinção dos conventos a instrução estava monopolizada nas mãos dos frades.

Alargam-se em considerações adequadas ao actual momento, dizendo que nunca, como hoje, foi tão preciso que os homens de pensamento livre se unam num mesmo pensamento de liberdade, em face das constantes arremetidas da reacção católica, que já se julga triunfante.

Por último falou um membro do Centro do Bomfim, que, discursando na mesma ordem de ideias, termina por agradecer aos professores Tomás da Fonseca e Almeida Costa, o seu concurso valioso dado a esta significativa cerimónia. — C.

Visita de estudo

A comissão de instrução da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa promove, amanhã, pelas 15 horas, uma visita de estudo à importante fábrica de malas dos srs. Joaquim Costa, Limitada.

RECORTANDO...

Asneiras bíblicas

Vamos a terminar. O leitor, por muito devoto que seja, em face de tantos disparates deve estar edificado. Mas, antes de pôrmos o ponto final neste ligeiro e despretencioso trabalho, mais algumas tolices do Evangelho, livro sublime no consenso unanime duns fraseologistas que nunca o leram.

Diz Jesus, falando aos seus discípulos: «Vós sois o sal da terra; e se o sal se corrompe (?!), com que será salgada (o quê a terra?...)? Não serve para mais nada senão para ser deitada fora (a terra...!).»

E' do Evangelho, no célebre e tão celebrado e admirado sermão da Montanha. No Evangelho de São João (pois quem há de gabar a noval...), capítulo XXI, v. 23, Jesus assegura a Pedro que o discípulo amado (o próprio São João) não morrerá (sic). «Eu quero que ele fique até que eu volte...» diz ele textualmente.

A promessa é confirmada no Evangelho de São Mateus, cap. XVI, v. 28. O diabo foi que o Cristo ficou tão bem morridinho que, a pesar da sua promessa não pôde voltar à terra. E o discípulo amado, tendo envelhecido muito, perdeu as ilusões, e, cansado de esperar por sapatos de defunto, fez a trouxa e girou, levadinho nas azas d'uma morte, que foi mesmo um consólio.

No Evangelho apócrifo (?) de São Pedro, que se diz achado num túmulo de Akhmeim, no alto Egipto, narra-se a resurreição de Jesus como tendo sido arrebatado do túmulo por dois homens... postigos, pois que não passavam de dois emissários divinos. E lê-se:

«E a cabeça dos dois homens chegava aos seus (sic), mas a cabeça de Aquele, que levavam, passava ainda mais alto».

Foi sempre a mania destes cretinos inspirados o suporem o céu alguma coisa de real, substancial fixo e limitado, e assim se explicam as expressões: «chegava aos seus» e «passava ainda mais alto».

Vem a sciência, servida por o espirituaalista Flammarion e pelo Jesuita Sechi (insuspeito, hein?...), e diz-nos que o céu é apenas o espaço infinito no qual se movem todos os sistemas dos mundos, os cometas e as nebulosas, espaço ao qual não podemos pôr limites, sem que, desde logo, devido à força central de atracção, todos os mundos se precipitassem para o centro comum num caos formidável; e os escritos sagrados mais uma vez são apanhados na sua craccissima ignorância.

Dirão que o Evangelho de São Pedro não é tido ainda na conta de canónico. Isso, porém, pouco importa. Nós também temos visto a mesma asneira nos auctores canónicos...

Quando ao embroglio atribuído a São João com o título de Apocalypse, éle é por tal forma abstruso, ridiculo, incongruente, que nem o diabo lhe mete o dente.

Parece escrito por um inquilino do hospital de Rilhafoles, ou pelo Sergio em momentos de bebedeira. Isso não obsta a que escritores, mesmo do numero dos emancipados do dogma cristão, como Victor Hugo, se balem extasiados deante daquelas páginas sublimes—tanto pode a força da tradição! — E um escritor católico diz a respeito de tal mistiflorio:

«Muitos comentadores, entre os quais Bossuet e Newton, tentaram explicar este livro; mas os seus esforços apenas tiveram como resultado pôr em evidencia a impotência do homem em presença das inspirações sublimas».

Mas então, oh! cabeças de burro! se o espirito do homem é impotente para deslindar o sentido das sacratissimas asneiras reveladas por Deus, para que é que este sujeito perde tempo com uma revelação destinada a não aproveitar a ninguém?... E' de a gente ficar em dúvida sobre se estes sujeitos são supinamente bestas ou profundamente malandros.

E de aí... talvez sejam ambas as coisas. Tem a palavra o Nemo.

Heliodoro SALGADO

SOLIDARIEDADE

Pró Mario Rodrigues de Sousa

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se hoje pelas 21 horas, uma festa em favor de Mário Rodrigues de Sousa.

O programa é o seguinte:

1.ª parte: variações de fados pelo conhecido guitarrista Lomelino J. Gil e seu violão António Bazilio; 2.ª parte: canção nacional pelos estimados cultivadores Adriano dos Reis, Pé de Leque, António Nobre, António Lado e Alberto Silva; 3.ª parte: versos jocosos pelo apreciado cultivador José Leote; 4.ª parte: continuação do concilio poético pelos cultivadores Mário da Bica, Edmundo Rosa (do Arco do Cego), Amadeu Valente, Ventura Barros, Júlio Martins e Gustavo de Azevedo.

A comissão da festa de auxilio às famílias dos Santos Cristovão da Silva Pinheiro e José dos Presos Azevedo, pede aos camaradas que passaram ou hoje sem falta à sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa prestar as suas contas, pois que a situação daqueles camaradas é bastante precária.

A comissão comunica também que recebeu 15\$00 por pagamento dos bilhetes que o Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra passou.

A comissão administrativa da secção dos estudantes do S. U. C., previne todas as pessoas que ficarem com bilhetes para a festa de auxilio a Artur Pinho Alonso, que esta, por motivos imprevistos, fica sem efeito.

Todos os que quiserem que o produto dos bilhetes seja entregue a um filho menor do mesmo camarada podem fazê-lo, entregando-o à comissão escolar.

Previnem-se os camaradas que ficaram com bilhetes para a festa de auxilio a José Vilhena, que esta fica transferida para o dia 29 de Agosto próximo.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batailha.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne na segunda feira pelas 21 horas, para continuação dos trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Comissão mixta de propaganda e Organização Sindical do Alto do Pinheiro. — Reuniu, tendo resolvido aguardar a oportunidade para entregar a representação à Câmara Municipal sobre os melhoramentos a fazer nesta área. Deliberou que a cotisação se inicie no próximo domingo. Tratou ainda, entre outros assuntos, da organização da aula de militantes.

Pintores de Construção Naval e Anexos. — Em reunião da direcção, tratou de vários assuntos colectivos, resolvendo realizar uma assembleia para a próxima semana.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Ferroviária. — Pelas 18,30, a Comissão Executiva, para tratar de assuntos urgentes.

DIAS PROXIMOS:

Compositores Tipográficos. — A direcção, na segunda feira, pelas 18,30, horas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais. — Comissão Administrativa. — Reuniu em 12 do corrente, apreciando vários expedientes entre os qual um officio de Mário Castelhan, pelo qual se verificou aquele camarada não poder aceitar o convite que lhe foi feito. Apreciou também a circular n.º 58 e 59 resolvendo levar as mesmas à apreciação do proximo Conselho Confederal, assim como vários assuntos da vida interna da Federação para o mesmo resolver em definitivo.

Construção Civil de Tires e Arradões. — Reuniu a comissão administrativa, tendo resolvido, em face do indiferentismo ultimamente manifestado pela maioria dos sócios, effectuar sessões em vez de assembleias gerais, a fim de conseguir o robustecimento do sindicato.

Resolveu effectuar hoje, pelas 21 horas, a primeira sessão para se apreciar, entre outros assuntos, as irregularidades cometidas contra o horário de trabalho, a falta de cumprimento da tabela em vigor e as emendas a introduzir no regulamento da caixa de auxilio na doença.

A comissão administrativa espera que todos os sócios compareçam nesta sessão.

Rurais de Évora. — Reuniu no dia 1